

O PAPEL DA METÁFORA TEMPORAL NA PARÁBOLA JESUÂNICA DE FUNÇÃO CONFRONTATIVA

Aliana Geórgia Carvalho Cerqueiraⁱ

Maria D'Ajuda Alomba Ribeiroⁱⁱ

Vânia Lúcia Menezes Torgaⁱⁱⁱ

Resumo: Narrar uma história, além de um ato estético-literário, pode ser uma estratégia discursiva. A assertiva dada pode evidenciar-se no gênero parábola, narrativa literária de função didática (moral ou religiosa) ou de confronto, de persuasão em um discurso. Nesse sentido, o presente artigo objetiva investigar como a metáfora temporal possibilita a construção argumentativa da parábola jesuânica. Para tanto, foram tomadas como *corpus* as parábolas *O bom samaritano* e *Os dois devedores*. Fundamentaram o trabalho os estudos de Bailey (1985), Ducrot (1981), Kothe (1986), Le Guern (1976), Lima (2009), Nunes (1995), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Sant'anna (2010) e Weinrich (1974). Como procedimento metodológico empregou-se a pesquisa bibliográfica e a fenomenologia dialética de Kosik (2002).

Palavras-chave: Argumentação. Tempos Verbais. Narrativa da Parábola.

Abstract: Telling a story is not only a literary-aesthetic act but it could also be a discursive strategy. This may be noticed in the parable genre, a literary narrative which displays a didactic (moral or religious) or confrontational and persuasive function in a speech. In this context, this article aims to investigate how the temporal metaphor enables the argumentative construction of the Jesuanic parable. Hence, here the parables *Good Samaritan* and *The Two Debtors* were taken as a *corpus* for further evaluation. This research was substantiated by the work of Bailey (1985), Ducrot (1981), Kothe (1986), Le Guern (1976), Lima (2009), Nunes (1995), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Sant'Anna (2010) and Weinrich (1974). The methodological procedure employed in this study was based on bibliographic research and the dialectical phenomenology of Kosik (2002).

Keywords: Argumentation. Verb Tenses. Narrative of the parable.

ⁱ Mestre pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil. E-mail: alianageorgia@hotmail.com.

ⁱⁱ Docente do PPG em Letras da UESC, Brasil. E-mail: profdajuda@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Docente do PPG em Letras da UESC, Brasil. E-mail: vltorga@uol.com.br.

Introdução

O ato de contar histórias é, em geral, relacionado à didática: mediação da leitura ou ensino por meio da ludicidade. Entretanto, esse recurso milenar de comunicação - que permitiu ao homem a preservação da sua cultura, da sua memória, antes do surgimento da escrita - pode, ademais, ser um ato de linguagem performativo. Assim, contar histórias também corresponde a uma estratégia discursiva, que é evidente nas parábolas jesuânicas. Não desconsideramos aqui a didática e as demais funções desse gênero - visto que, de acordo com Sant'Anna (2010), a parábola pode desempenhar diversos papéis, principalmente o ensino de verdades morais ou religiosas -, mas nos deteremos no material linguístico em sua função discursiva, a qual pressupõe uma ação argumentativa, de confronto, de persuasão em um discurso.

Não obstante às suas funções, o caráter literário das parábolas serve a fins específicos que não seriam alcançados sem o uso dele. Isto é, percebemos que o material literário da parábola, o processo metafórico viabilizado pela narração, produz uma compreensão e percepção dos leitores/ouvintes que, como conclui Sant'Anna (2010, p. 147-148): “não poderiam ser reduzidos para nossa maneira convencional analítica de comunicar”. Assim, se faz necessário analisar como a argumentação é construída nesse gênero eminentemente literário. Vale ressaltar que encontramos no Brasil poucos trabalhos sobre o gênero supramencionado, principalmente estudos linguísticos que abordam seus aspectos discursivos e argumentativos. No entanto, devido à grande ocorrência desses textos nas obras literárias brasileiras e estrangeiras - de autores como Goethe, Guimarães Rosa, José Saramago, Machado de Assis, por exemplo - observamos a necessidade do estudo da narrativa bíblico-parabólica na vertente linguística. Portanto, julgamos relevante uma análise da parábola, visto que a abordagem aqui desenvolvida poderá contribuir para a compreensão das estratégias argumentativas da parábola e, conseqüentemente, sua reafirmação enquanto gênero autêntico, de influência na literatura ocidental e presente no imaginário popular. Por fim, reiteramos a relevância do presente trabalho considerando que:

[...] a universalidade dos textos bíblicos, confirmada na inspiração de obras marcantes como as de Milton, Thomas Mann, Kirkegaard, Brecht, Hemingway, Faulkner, C. S. Lewis, Tolkien, Guimarães, Machado de Assis, dentre tantos outros, e sua linguagem rica, apurada, refinada, variada, revelam a necessidade

de maior interesse, leitura, exploração, pesquisa nesse campo tão vasto, que é a Bíblia, por parte de leitores, estudiosos e especialistas (SANT'ANNA, 2007, p.2).

O gênero parábola é uma narrativa breve com características específicas, como o amimetismo nas categorias da personagem, espaço e tempo. Essa última, segundo Sant'Anna (2010), revela-se amimética pela ausência de perspectivas cronológicas (prospectivas ou retrospectivas) sem correspondências históricas, as quais se verificam, sobretudo, pela perspectiva discursiva no estudo dos tempos verbais, proposta por Weinrich (1974). No discurso da parábola os tempos verbais estabelecem relações com as situações de comunicação por eles instaladas: a do narrar e a do comentar. Tal característica temporal confere às parábolas certa força alegórica e estabelece uma tensão dialética entre situações comunicativas de relaxamento (através da narração) e de comprometimento (através do comentário), por parte do narrador e do público. Assim, consideramos a hipótese de que a metáfora temporal (os verbos do mundo narrado dentro do discurso comentado e vice-versa) funciona como mecanismo persuasivo-argumentativo nas parábolas de função confrontativa e atribui a esse gênero certa atemporalidade.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva investigar como a metáfora temporal, postulada por Weinrich (1974), possibilita a construção argumentativa da parábola jesuânica. Como procedimentos metodológicos serão empregados a pesquisa bibliográfica e a fenomenologia dialética de Kosik (2002). No que tange à fenomenologia, considera-se que a compreensão do objeto estudado passa pela compreensão conceitual da realidade investigada e análise dos dados encontrados no *corpus*, como pontua Kosik (2002). Assim, para o entendimento dos fenômenos presentes nos textos ficcionais em análise, recorre-se aos postulados sobre a parábola, a argumentação, a estrutura e função dos tempos verbais na linguagem. A investigação teve por fundamento os estudos sobre as parábolas jesuânicas, assentados em Bailey (1985) e Sant'Anna (2010); sobre a metáfora, com base em Lakoff e Johnson (2012), Le Guern (1976), Lima (2009), e Lopes (1987); sobre argumentação baseou-se em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005); e, Nunes (1995) e Weinrich (1974) para discorrer sobre a estrutura dos tempos verbais. O *corpus* corresponde a duas parábolas do evangelho de Lucas: “Os dois devedores”, em Lucas capítulo 7, versículos 40 a 47; “O bom samaritano”, no capítulo 10, versos 30 a 35, do mesmo livro. Será usado o texto da Nova Versão Internacional da Bíblia de Estudo Arqueológica (2013), uma versão que

tem tido crescimento nos últimos anos, sendo um texto claro e excelente suporte para pesquisas.

A presente investigação revela-se pertinente, porque poderá possibilitar uma maior compreensão sobre a linguagem da parábola, sobre o processo metafórico inerente a esse gênero. Como afirma o poeta Leminsk (1984, p. 2): “Jesus sabia se esconder bem entre as muralhas e as palavras. [...] Entender suas parábolas é mergulhar num emaranhado de significados que se multiplicam como os peixes do milagre evangélico. Peixes, símbolo de subversão da ordem vigente”. Assim, “mergulhando” em suas narrativas, pode-se contribuir para a compreensão da linguagem, da argumentação humana, em especial a marcação dos tempos verbais, que em sua natureza é metafórica. Essa perspectiva baseia-se nos pressupostos de Weinrich (1974), o qual afirma que a marca do tempo na linguagem não se apresenta em um significado fixo, mas varia de acordo com o contexto em que se encontra. Assim, sua natureza metafórica evidencia-se por circunscrever-se em contextos paradigmáticos diferentes ao seu uso próprio, isto é, diferente de sua marca discursiva comum.

1 O verbo muito além da marcação do tempo

Para compreender a teoria da metáfora temporal de Weinrich, cumpre reportarmos aos principais estudos sobre a metáfora, pelos quais se constrói o conceito metafórico do teórico alemão.

A partir das teorias tradicionais da metáfora, contudo mais além de suas implicações, de sentido de desvio atribuído pelos antigos retóricos, nota-se nos estudos discursivos da metáfora que esta categoria não é apenas uma figura de linguagem. Metaforizar é próprio da atividade comunicativa humana. Buscamos recursos metafóricos para expressar pensamentos, conceitos, ideias, para comunicar emoções, construir sentidos. Os estudos de Lakoff e Johnson (2012), na obra, considerada um marco no que tange à nossa visão sobre a língua, *Metáforas de la vida cotidiana* (do original em inglês, *Metaphors We Live By*), mostraram que o sistema conceitual do ser humano busca recursos metafóricos para expressar uma infinidade de conceitos. Do mesmo modo, evidencia-se o fenômeno da expressão do tempo no discurso.

No entanto, vale considerar que, com Aristóteles, tem início o estudo sobre a metáfora no mundo ocidental. Tanto na *Arte poética* como na

Retórica, o filósofo de Estagira tinha a metáfora como a transposição de sentidos, na qual o poeta se apercebe das semelhanças. Metáfora, então, para ele: “consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (ARISTÓTELES, 1973, p. 462). Além desses dois processos - transportar e assemelhar -, o filósofo ainda indica que a metáfora pode ser formada com a falta de um nome ou com a negação das suas qualidades próprias, como esclarece Lima (2009, p. 30-31):

Mas a inteligência racional que observa e argumenta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade, é a mesma que ultrapassa a compreensão das ‘qualidades próprias’ do signo linguístico para observar as ‘qualidades verossímeis da metáfora’ (grifo do autor).

A ideia aristotélica pode ser entendida mais além da comparação abreviada ou transposição de sentidos. Semioticistas como Lopes (1987) não a consideram um luxo, um procedimento redundante ou mero ornamento do discurso, pois sem ela, em certos discursos haveria perdas no conjunto das informações transmitidas: “é o conjunto dos valores implicados na metáfora que faz dela um modo de dizer insubstituível por qualquer outro modo de expressão não figurada” (LOPES, 1987, p. 102).

Igualmente, a configuração da personagem na parábola jesuânica indica um sentido que não seria possível comunicar se essa categoria fosse apresentada de outro modo que não o indeterminado, ou ainda, um ato ético-estético, pois não há ato comunicativo que exclua as diferenças intersubjetivas, a conotação, o subentendido, a elipse, os excessos de sentido, enfim, os jogos de palavras. Assim: “Ao invés de ser uma imperfeição, é esse risco inerente ao jogo de palavras que viabiliza a possibilidade da melhor, mais bela e mais eficaz compreensão, de melhor comunicação” (LOPES, 1987, p. 7).

Logo, a metáfora é também ressignificação, criadora de sentidos, ela cria e recria a realidade, como aponta Lima (2009). É própria da linguagem, mas não se limita a ela, pois a metáfora está localizada no pensamento, e este, é fundamentalmente metafórico. Temos, então, que ela é um processo que dá existência a novas perspectivas sobre o mundo, de acordo com Paiva (2012). Portanto, nessa categoria do pensamento e da linguagem não há simplesmente um adendo, uma soma, um acréscimo, visto que na metáfora

“há uma transformação da própria identidade. Cria-se uma nova identidade, composta da união de polos contraditórios” (KOTHE, 1986, p. 11).

Isso posto, vê-se que a metáfora não constitui um modo excepcional de utilização da linguagem (no sentido de desvio, atribuído pelos antigos retóricos), mas sim corresponde à maneira como a língua, entremeada de conceitos e ideias metafóricas, funciona. Nesse sentido, encontram-se as parábolas bíblicas, plenas de abstração de significados, onde o jogo metafórico viabiliza a construção do sentido. Do mesmo modo Weinrich (1974) pensa a metáfora: “uma palavra em um contexto estranho e este contexto, por sua vez, determina o sentido que a partir de sua própria significação não é previsível” (SANT’ANNA, 2010, p. 35). Segundo o autor, “o contexto faz a metáfora” (WEINRICH, 1974, p. 146 - tradução nossa)¹.

1.1 A metáfora temporal

Na perspectiva sociocomunicativa de Weinrich (1974) o tempo verbal não apresenta um significado fixo, mas varia de acordo com o contexto em que se encontra. Por isso, os tempos verbais não devem ser analisados isoladamente, mas sempre circunscritos por um discurso. Assim, para o autor alemão, o tempo é uma forma verbal que se manifesta atendendo ao sistema metafórico temporal. O tempo manifesta-se em contextos específicos, e, em cada um deles, desempenha um determinado sentido. Para esse autor, o tempo cronológico manifesta-se com os sinais gráficos das horas, datas etc., enquanto o tempo verbal está associado ao conteúdo da comunicação, considerando a temporalidade própria do texto, relacionando tempo e ação, cuja evidência se dá com as formas verbais. Em outras palavras, esse segundo modo de manifestação temporal compreende-se como a forma verbal do tempo e determina situações comunicativas.

Na problemática do tempo sempre houve controvérsias nos estudos ao longo dos anos, desde os antigos filósofos. É uma noção que nos escapa, mas sempre fazemos referência a essa “entidade” de uma maneira ou de outra. Para Nunes (1995) há o tempo físico, psicológico, cronológico, histórico e linguístico. Cada sistema linguístico tem maneiras próprias de marcar o tempo, sendo que, os tempos verbais, para Weinrich (1974), não têm relação com o

¹ Tradução nossa. Na edição consultada: “[...] el contexto hace la metáfora”.

Tempo Cronológico sustentado pela Gramática Normativa - com a divisão presente, passado, futuro - mas, antes, os tempos do verbo situam o leitor quanto às duas ordens de comunicação - mundo narrado e mundo comentado, que será visto abaixo.

Weinrich (1974) divide o sistema temporal em três dimensões: atitude comunicativa (dicotomia presente na situação de comunicação - situação de comentar ou narrar); perspectiva comunicativa (distinção entre os tempos de grau zero e os tempos de prospecção ou retrospecção); e relevo (dicotomia entre um primeiro e segundo plano). A metáfora temporal situa-se na primeira divisão. A função dos tempos verbais é indicar uma das ordens da situação comunicativa - Mundo Narrado (MN) e Mundo Comentado (MC) - as quais fazem parte da Atitude Comunicativa.

MC e MN são os dois grupos pelos quais Weinrich divide estruturalmente os tempos verbais (I e II), cada um com tempos que apresentam características comuns. No grupo I predomina o tempo presente, relacionado com situações comunicativas de comentário - diálogos, conferências científicas, palestras, e outros gêneros discursivos; e no grupo II predomina o tempo pretérito, relacionado com situações comunicativas de narração - relato, novela, conto, parábola. Assim, o autor conceitua os tempos do grupo I como *tempos do mundo comentado* ou *tempos de comentar*, e os tempos do grupo II são *tempos do mundo narrado* ou *tempos da narração*. Importante para a questão das parábolas é, inclusive, saber que a situação narrativa tem como característica o desencadeamento da atitude de relaxamento e a situação não narrativa instaura uma tensão, uma atitude de comprometimento no discurso. No grupo I há, geralmente, os tempos do Presente, Futuro do Presente, Pretérito Perfeito Composto e suas locuções verbais. No grupo II temos o Pretérito Perfeito Simples, o Imperfeito, o Mais-que-perfeito, Futuro do Pretérito e suas respectivas locuções verbais. A metáfora temporal ocorre quando há o emprego de tempos verbais próprios de um mundo no interior de outro: os verbos do mundo narrado dentro do discurso comentado e vice-versa. Semelhantemente, como na metáfora semântica, se uma palavra entra em um contexto estranho ao seu próprio contexto paradigmático, e, nele, suscita um novo sentido, não se torna uma palavra nova. Segundo Weinrich (1974) “na metáfora se mantêm a tensão entre a significação própria (entendida como expectativa de uma

determinação) e a determinação verdadeira no contexto concreto, a qual tem sentido oposto à expectativa” (p. 140 - tradução nossa)². Essa tensão ocorre na metáfora temporal no nível do discurso, como se mostra a temporalidade da parábola jesuânica.

Analisando a categoria do tempo nas parábolas, baseado no modelo de Weinrich (1974), Sant’Anna (2010) comprova a qualidade amimética do discurso parabólico, no qual os tempos verbais estabelecem relações com as situações de comunicação por eles instaladas: a do narrar e a do comentar. Tal característica temporal confere às parábolas certa força alegórica e estabelece uma tensão dialética entre situações comunicativas de relaxamento (através da narração) e de comprometimento (através do comentário), por parte do narrador e do público. Essas duas situações estão bem demarcadas na parábola “O bom samaritano”, por meio das inquirições (do doutor da lei - ouvinte) e respostas-pergunta (de Jesus - orador), como veremos mais adiante.

2. Entre o perguntar e o responder: a argumentação construída

Uma teoria existe para ajudar a conhecer o mundo sem que se pretenda mudá-lo; uma parábola é contada para ajudar as pessoas a lidarem com o mundo, mudando-o por meio de transformações delas próprias (SANT’ANNA, 2010, p. 263).

A citação em epígrafe indica, satisfatoriamente, o principal objetivo da parábola de função de confronto. A parábola é um gênero narrativo utilizado como estratégia discursiva, não apenas como método de ensino, mas também de confronto de ideias por meio da linguagem.

Contar uma parábola, em muitos casos, é persuadir através de um confronto direto, com um recurso que deixava os ouvintes convencidos a mudar de opinião, de atitude, tomar partido por meio de suas próprias conclusões. Alguns retóricos explicitam essa característica de certas parábolas, como histórias que “não só desafiam as atitudes e crenças dos ouvintes, mas também evocam neles certos sentimentos e estados de consciência significativos em si mesmos como fins, e não apenas como meios

² Tradução nossa. Na edição consultada: “En la metáfora, se mantiene la tensión entre la significación propia (entendida como expectativa de una determinación) y la determinación verdadera en el contexto concreto, la cual es de sentido opuesto a la expectativa”.

de uma disciplina religiosa” (SANT’ANNA, 2010, p. 257). No mesmo sentido, Jeremias (2007) indica que as parábolas foram pronunciadas em diferentes situações concretas de vida de Jesus relatada nos evangelhos. Muitos desses momentos discursivos eram situações de conflito, de justificação, de defesa, de ataque ou desafio, acrescenta o autor. Nesse sentido que, em geral, a parábola de confronto era narrada. No meio de um diálogo, tipicamente pertencente ao MN, Jesus respondia com uma história, onde predominam os verbos do MC. Se essa escolha linguística contribuía com a argumentação de seu discurso é o que o presente trabalho propôs investigar, na hipótese de que a metáfora temporal funciona como mecanismo persuasivo-argumentativo nas parábolas de função confrontativa e atribui a esse gênero certa atemporalidade.

Para compreender a estratégia supracitada como recurso argumentativo faz-se pertinente recorrer às concepções sobre a argumentação de alguns autores. Na perspectiva da semântica argumentativa “as sentenças são pronunciadas como parte de um discurso em que o falante tenta convencer seu interlocutor de uma hipótese qualquer” (CANÇADO, 2005, p. 144). Assim, pode-se considerar que usamos a linguagem não para falar sobre o mundo, mas para convencer o ouvinte a entrar no jogo argumentativo.

Para Ducrot (1981) o valor argumentativo da palavra está na sua orientação discursiva, isto é, o sentido que ela desempenha em determinado contexto. Argumentar é dar razões a favor de uma conclusão. Se a história da parábola transmite essas razões, o faz de modo sutil, e a metáfora temporal pode ser fundamental na construção de tal sutileza. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) em sua “nova retórica” tratam da argumentação como os meios verbais com os quais um determinado orador busca provocar, ou ainda, reforçar a adesão do interlocutor (ou auditório) à(s) ideia(s) por ele defendida(s). Dessa maneira, pode-se considerar que argumentar é provocar determinados efeitos e comportamentos no interlocutor previsto, por isso é fundamental ao orador escolher, em uma opinião, os aspectos que a tornarão aceitável para um público/auditório específico. É o que se pode notar nas parábolas. Eram utilizadas para argumentar com um público específico, em cada contexto diferente, uma parábola própria à situação dialógica.

Na parábola “O bom samaritano”, as duas situações comunicativas estão bem sinalizadas, por meio das inquirições (do doutor da lei - ouvinte) e

respostas-pergunta (de Jesus - orador). Considerando o contexto em que Jesus conta a parábola “O bom samaritano”, notamos que o aspecto relacional entre os interlocutores pode haver direcionado as escolhas linguísticas (verbais) dessa narrativa. Em uma de suas viagens, a caminho de Jerusalém, Jesus foi questionado por um intérprete (doutor) da lei, um estudioso das Escrituras do Velho Testamento e da Lei Oral, que correspondia à tradição religiosa. Ele perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna (na cultura judaica, quem cumprisse a lei, a Torá, herdaria a vida neste mundo e no vindouro). Kistemaker (1992) assinala que o estudioso com essa indagação queria testar Jesus, ouvir sua explicação de como obter a vida perfeita em todos os sentidos, visto que ele mesmo não era ignorante no tema. No entanto, não obteve uma resposta como esperava.

A partir daí instaura-se a tensão no meio do discurso, nas relações entre os interlocutores. Tanto pela utilização dos elementos linguísticos como pela relação de simetria/assimetria que se estabelece no diálogo. Destaca-se a alternância entre os verbos de tempo do MC e os de tempo do MN. Esse último é predominante na parábola narrada, mas no diálogo é abundante a ocorrência do primeiro grupo de verbos proposto por Weinrich (1974), justamente aqueles que desencadeiam uma tensão, um comprometimento. Notamos melhor essas características estilísticas quando observamos o aspecto formal do discurso, no qual a parábola é inserida, indicado por Bailey (1985). O diálogo fica dividido em dois momentos-chave:

Primeiro tempo: Um doutor da lei levantou-se para testá-lo e disse:

Doutor: (Pergunta 1) ‘Que preciso fazer para herdar a vida eterna?’

Jesus: (Pergunta 2) ‘Que diz a lei?’

Doutor: (Resposta 2) ‘Amarás a Deus e a teu próximo.’

Jesus: (Resposta 1) ‘Faze isto e viverás.’

Segundo tempo: Ele (o doutor da lei), desejando justificar-se, disse:

Doutor: (Pergunta 3) ‘Quem é o meu próximo?’

Jesus: (Pergunta 4) ‘Um certo homem descia de Jerusalém...’

‘Qual destes três se tornou o próximo?’

Doutor: (Resposta a 4) ‘Aquele que demonstrou misericórdia para com ele.’

Jesus: (Resposta a 3) ‘Vai e continua fazendo da mesma forma.’ (BAILEY, 1985, p 76).

Nessa perspectiva, Sant’Anna (2010) esclarece que através da instalação do gênero dialético, em que uma estrutura conversacional entre um doutor da lei e Jesus é mediada por uma parábola, subverte-se a visão de mundo, de

posicionamento ético, propondo-se que as verdadeiras necessidades do ser humano devem ser o cerne das preocupações pessoais e institucionais. Na parábola “O bom samaritano”, há mudança do curso da enunciação, comprova-se a existência de uma inter-relação entre os conceitos de subversão de gêneros, cenografia e posicionamento.

O diálogo que antecede a narração da parábola se estabelece em um espaço conflituoso. Através da instalação do gênero dialético, evidenciado pelo uso da pergunta explícita, fica reconhecida a comunidade discursiva do doutor da lei, com suas normas, padrões éticos e como está situado na enunciação, assumindo o papel social de especialista: “E eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (BÍBLIA, Lucas, 10: 25). Assim, enquanto escolhe para si o papel de examinador, impõe ao seu interlocutor o de examinado, afirma Sant’Anna (2010).

Jesus foi interrogado, entretanto, respondeu com outra pergunta: “[...] Que está escrito na lei? Como interpretas?” (BÍBLIA, Lucas, 10: 26). Essa resposta em forma de contraquestão evidencia o jogo discursivo que se estabelece e a subversão de gênero, pois o interlocutor não aceitou o papel imposto a ele, antes, mostra domínio do gênero *didático dialético*, ao perceber sua intencionalidade de estabelecimento de um posicionamento de especialista no papel de locutor e de inquirido para seu interlocutor. Desse modo, com a desaprovação do que estava imposto, por meio de sua contrarresposta: “[...] o coenunciador procura, senão, subverter totalmente as funções pretendidas pelo doutor da lei, pelo menos equipará-las, demonstrando também estar em condições de propor seu próprio questionário” (SANT’ANNA, 2010, p. 287), muda-se, o posicionamento do interlocutor, reconfigura-se a cenografia: antes um inquiridor e seu “interrogado indouto”, agora ambos firmam-se como atores de um debate no mesmo nível discursivo-cultural.

Desse modo, por haver em todo instante um redirecionamento enunciativo - ao invés de responder à proposição do doutor da lei, Jesus lança outra pergunta, onde há predomínio dos verbos do MC - a tensão discursiva configura-se na relação assimétrica: a inserção do elemento não previsto pelo interlocutor, aquele de sentido oposto ao da expectativa. Nessa relação, temos na narrativa a tensão instaurada entre Jesus e seus ouvintes: “Muitas

vezes o seu auditório é composto de seus inimigos teológicos, e desta forma um conflito intenso é a tônica da representação” (BAILEY, 1985, p. 16). Ao invés de cair na armadilha de levantar uma controvérsia, Jesus suscitou uma resposta do próprio interrogador, (BAILEY, 1985). No primeiro momento, a solução é mais direta, como se observa no diálogo que antecede a narração da parábola:

‘Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?’

‘O que está escrito na Lei?’, respondeu Jesus. ‘Como você a lê?’

Ele respondeu: ‘Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento’ e ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’.

Disse Jesus: ‘Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá’. (BÍBLIA, Lucas, 10: 25-28).

No entanto, como o confronto inicial do doutor da lei não operou como previsto, ele lança uma réplica: “Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’” (BÍBLIA, Lucas, 10: 29). A tréplica de Jesus advém através da parábola, onde há maior ocorrência de verbos do MN, e após a breve história, outra pergunta:

Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: ‘Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’. ‘Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ (BÍBLIA, Lucas, 10: 30-36).

Notamos que, além dos recursos linguísticos, o poder argumentativo da parábola também se verifica nos elementos literários utilizados que se prestam à construção discursiva, até mesmo os detalhes da história foram pensados no intento de confrontar a possível opinião que o doutor da lei defendia e tinha interesse em discutir. A personagem, por exemplo: “A condição do viajante ferido não é um incidente apenas curioso” (BAILEY, 1985, p. 85). Justamente um samaritano é quem se compadece do assaltado. Os samaritanos eram odiados por quem pertencia ao grupo étnico judaico por não serem considerados “racialmente puros”, pois eram miscigenados. Por

isso houve quebra na expectativa, o ouvinte já estava em atitude de relaxamento por causa da narrativa, predominantemente com verbos do MN, e então é levado a refletir sobre suas próprias opiniões, pois a parábola apresentava-lhe o antagônico. Nessa situação, o doutor da lei pode apenas dar uma resposta prevista pela conclusão da parábola, embora fosse assimétrica para seu próprio discurso, respondendo que o próximo do homem assaltado foi, justamente, a classe de pessoas que ele não considerava como próximo: “Aquele que teve misericórdia dele”. Ao que Jesus arremata: “Vá e faça o mesmo.” (BÍBLIA, Lucas, 10: 37).

A outra narrativa, “Os dois devedores”, uma típica parábola de função confrontativa, é pequena, mas nem por isso sua força argumentativa é enfraquecida. Para entender melhor a estratégia utilizada por Jesus é necessário conhecer o contexto do diálogo que a envolve. Era uma situação de diálogo em que certo fariseu (um líder religioso da época), havia preparado um jantar para Jesus. Mas no meio do banquete aparece uma mulher considerada pecadora, a qual começa a lavar os pés de Jesus com suas lágrimas, enxuga-os com os cabelos, derrama perfume e beija-os. No mesmo instante essa atitude é reprovada pelo fariseu, demonstrando um ponto de vista preconceituoso. Entretanto, sem querer enfrentar a opinião do fariseu por meio de um conflituoso debate, ele muda a situação comunicativa contando uma parábola: “Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários³ e outro, cinquenta. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida de ambos.” (BÍBLIA, Lucas, 7: 41-42a). Dessa forma, é estabelecido um afastamento entre a situação da narrativa e a que envolvia os interlocutores, e a mulher em questão. Embora houvesse uma semelhança entre o contexto do diálogo e a história narrada, a analogia ainda precisava ser mais evidente. Por isso, Jesus volta a utilizar a situação comunicativa de comentário para levar o fariseu a um maior comprometimento. Então, ele pergunta-lhe: “Qual deles o amará mais?” (BÍBLIA, Lucas, 7: 42b). Assim, o fariseu é envolvido na aplicação da parábola, devendo admitir um posicionamento. Ele assumiu que o homem da dívida maior demonstraria maior amor. Ao que Jesus respondeu-lhe: “Você julgou bem” e continuou sua explicação comparando as ações daquela mulher ao

³ Moeda que equivalia à diária de um trabalhador braçal.

homem da parábola que devia mais e a atitude do fariseu com a do homem que devia menos, pois menos amor demonstrava:

Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: 'Vê esta mulher?' Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés. Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados, pelo que ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama". (BÍBLIA, Lucas, 7: 44-47).

O confronto mostra-se claro na explicação de Sant'anna (2010, p. 260): "a parábola funcionou como uma estratégia para, na presença dos convivas, levar o fariseu a tomar partido contra si mesmo, na medida em que a sua aplicação denunciava o preconceito com que ele encarava o seu próximo". Uma situação comunicativa de relaxamento e, logo após, de comprometimento, evidencia sua função no discurso, ao provocar as emoções do interlocutor levando-o a ter uma nova atitude, nesse caso, um julgamento favorável ao orador sobre o assunto que dialogavam.

Pode-se entender a força que a parábola apresenta no discurso analisado. Ela se apresenta em um evento narrativo, onde há um paralelismo que confere harmonia à forma narrativa do Evangelho de Lucas - as ações de duas personagens são postas em comparação uma com a outra a partir da parábola e na própria estrutura da narração literária maior - tudo o que o fariseu não fez, a mulher o fez. Ao mediar-se o discurso com a atitude de relaxamento, própria do MN, Jesus possibilitou ao fariseu um novo conceito sobre fatos ocorridos no banquete, através da própria conclusão deste. O fariseu foi persuadido ao "visualizar" a cena literária e porquanto todos os ouvintes, como ele mesmo, estavam a par da situação, a única conclusão a que pode verbalizar foi aquela propícia ao discurso de Jesus. O elemento "estranho" ao seu contexto - a narrativa literária usada em um diálogo - opondo-se à expectativa, constitui-se como uma metáfora temporal, um recurso argumentativo eficaz na defesa de pontos de vista, na explicação das razões de seu interlocutor.

A metáfora temporal nas duas parábolas analisadas evidencia o uso da linguagem literária como recurso argumentativo. Ao alternar estilos e palavras dialeticamente, os interlocutores defendem ou rechaçam ideias, propõem

novas atitudes. Quanto ao narrador das parábolas, este também subverte gêneros, confronta temas e opiniões bem demarcadas, possibilita uma conclusão não esperada por seus ouvintes.

Considerações Finais

A qualidade amimética do discurso da parábola, no qual os tempos verbais estabelecem relações com as situações de comunicação por eles instaladas - a do narrar e a do comentar -, confere ao gênero certa força alegórica e estabelece uma tensão dialética entre situações comunicativas de relaxamento (através da narração) e de comprometimento (através do comentário), por parte do narrador e do público.

Dessa forma, a metáfora temporal, nos discursos analisados, constitui-se na parábola como uma estratégia discursiva, pois as situações comunicativas nela evidenciadas corroboram com a sua função precípua: o confronto de ideias e a mudança de atitude com relação a algum tema, isto é, a argumentação na perspectiva aqui defendida.

Considera-se, assim, que a teoria de Weinrich pode ser aplicada às parábolas, bem como servir de base para novas abordagens na pesquisa e no ensino sobre a função dos tempos verbais na comunicação, não mais limitado a nomenclaturas e regras descontextualizadas, mas com características específicas no discurso, visando um objetivo, por exemplo, argumentativo.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Victor Civita, 1973.

BAILEY, Kenneth E. **A poesia e o camponês: uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Nova Vida, 1985.

BÍBLIA, Lucas. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, 2013. Lucas 7, vers. 40-47 e Lucas 10, vers. 30-35.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DUCROT, Oswald. **O provar e o dizer: linguagem e lógica**. Trad. Maria Aparecida Barbosa. São Paulo: Global, 1981.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Trad. João Rezenda Costa. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. Trad. Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 6.reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KOTHE, Flávio. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. 9.ed. Madrid: Cátedra, 2012.

LE GUERN, Michel. **La metáfora y la metonímia**. Madrid: Ediciones Catedra, 1976.

LEMINSK, Paulo. **Jesus a.C**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LIMA, Aldo de. **Metáfora e cognição**. Recife: UFPE, 2009.

LOPES, Edward. **Metáfora: da retórica à semiótica**. São Paulo: Atual, 1987.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes. **Metáforas, metonímias e hipertextos em narrativas multimodais de aprendizagem de língua inglesa**. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/metalab.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

PERELMAN, Chäim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tradado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. **O gênero da parábola**. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **Gêneros textuais e leitura do discurso bíblico**. 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem11pdf/sm11ss03_06.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2012.

TRACY, David. Metáfora da religião: o caso dos textos cristãos. In.: SACKS, Sheldon. (Org.) **Da metáfora**. São Paulo: Pontes, 1992.

WEINRICH. Harald. **Estructura e función de los tiempos en el lenguaje**. Madrid: Gredos, 1974.